Geografia, fragmentações e desigualdades socioespaciais no Mundo contemporâneo¹

João Luís J. Fernandes

Universidade de Coimbra
CEIS20 e Departamento de Geografia e Turismo (FLUC)
jfernandes@fl.uc.pt
<https://orcid.org/0000-0002-9419-631X>

Enquanto legado da cultura ocidental e nalgumas das suas bases matriciais, o pensamento de Karl Marx é uma das metanarrativas que não terá resistido à contemporaneidade complexa que agora se vive. Apesar disso, ainda que ajustado à realidade europeia do século XIX, o confronto de alguns dos princípios marxistas com as dinâmicas atuais é um exercício útil para melhor percebermos as teias e as multidimensionalidades destes novos contextos.

Ainda que se reclamem outros esquemas interpretativos, faça-se esta reflexão a partir de três dos mais significativos postulados da doutrina marxista, aqui referidos enquanto janela de análise dos processos de desacoplamento e fragmentação que caracterizam um tempo presente difícil de categorizar e de enquadrar em teorias explicativas totais e universais.

a) O salário que um trabalhador auferir está muito distante do valor produzido pelo seu tempo e esforço

As sociedades contemporâneas estão distantes dos quadros geohumanos e geoeconómicos no contexto dos quais este princípio foi anunciado. Todavia, na realidade empírica atual não será difícil sinalizar algumas das dinâmicas de desigualdade entre o valor produzido e os benefícios alcançados.

Apenas como exemplo, considerando o valor superlativo que a venda ou o leilão de um diamante pode atingir, é ínfima a remuneração paga a um mineiro nas Lundas (em Angola), no Botswana ou em qualquer outra região mineira de onde se extrai esta pedra preciosa.

Neste caso, sabe-se que o processo se inicia com a extração difícil de um minério em bruto e não lapidado e que as desigualdades cumulativas se vão

acrescentando ao longo de uma cadeia que pode culminar numa transação milionária na empresa leiloeira Christie's, de Nova Iorque, ou na Sotheby's, de Londres.

O mesmo acontece com o trabalhador que extrai e se expõe a um metal raro algures numa exploração mineira da Bolívia, do Chile ou da China, relativamente ao valor e ao significado que essas “matérias-primas críticas” (a expressão é de instituições como a Comissão Europeia) representam nas áreas da informática, das telecomunicações, da indústria espacial ou da transição energética dita “verde”. A montante da inovação nos atuais setores de ponta existe um trabalho físico difícil e pouco reconhecido.

b) O trabalhador investe na produção de um bem ao qual não terá depois acesso

Ainda que o conceito rígido de ‘trabalhador’ não se encaixe na geometria variável da Geografia contemporânea, esta questão continua a demonstrar alguma atualidade. Também como exemplo, os trabalhadores indiferenciados que suportam as tarefas mais pesadas da construção de um hotel, de um condomínio de luxo ou de um aeroporto, estão a investir em futuros territórios demarcados e seletivos dos quais poderão não usufruir. Pelo contrário, após a inauguração desses edifícios e infraestruturas, este grupo tornar-se-á invisível e desaparecerá no anonimato.

O mesmo acontece com a mão-de-obra que contribui para a construção de estádios e de outras infraestruturas desportivas que acolherão eventos internacionais como os jogos olímpicos e os campeonatos mundiais de futebol. Estes operários levantam bancadas nas quais é provável que não se sentem e promovem acontecimentos globais nos quais dificilmente participarão.

¹ *Adaptado a partir do texto “Geografia, trabalho e desigualdades socioespaciais. Uma breve nota a pretexto do 1º de Maio”, publicado no jornal digital *Sinal Aberto*, em 4 de maio de 2023 (<https://sinalaberto.pt/geografia-trabalho-e-desigualdades-socioespaciais/>)

c) O motor da História é a luta de classes

Se as duas primeiras concepções nos ajudam a perceber muitas das dinâmicas da atualidade e das desigualdades que as acompanham, esta terceira desgastou-se com o tempo e deve ser lida com cautela. Nesta pós-modernidade, autores como Anselm Jappe (2019 e 2022) têm insistido na tese do fim das classes sociais e na diluição da estrutura rígida nas quais estas assentavam.

Como contraponto, tem-se assistido a uma massificação do acesso a bens e a experiências que, não sendo universal, nos obriga a uma outra linha de pensamento. Mais do que o usufruto de um objeto ou de uma vivência, a desigualdade estará agora nos valores da quantidade e da qualidade. Esclareça-se esta questão e sigam-se alguns exemplos.

Estando muito longe de estar globalizada, a acessibilidade às viagens aéreas continua a ser seletiva, mas é hoje maior. No entanto, não se deve confundir a experiência de um percurso em classe executiva nas melhores companhias de aviação, com a viagem equivalente em classe económica numa empresa “low cost”. O tempo despendido e as esperas, o conforto, os serviços disponíveis e a qualidade dos terminais, tudo diferencia estes dois universos, que só em parte se tocam, sem se confundirem.

O mesmo acontece com a experiência turística. É verdade que muitos participam deste “admirável mundo novo” do turismo e que a curva das deslocações e das dormidas subiu. Contudo, é impossível não distinguir as territorialidades exclusivas e “gourmet” de uma elite com maior poder de compra, em relação a uma massa turística que, provavelmente depois de viajar nas referidas companhias “low cost”, aterra num destino barato e indiferenciado, como Benidorm ou outros.

De igual modo, estar num destino seletivo das Seychelles ou das Maldivas, pouco se compara com o domingo de praia passado na Costa de Caparica, onde se chega depois de uma longa fila de espera no interior de um automóvel no qual se transporta uma lancheira térmica com um almoço que depois se consumirá num parque de merendas.

O mesmo raciocínio pode aplicar-se a um bem que foi conquistando espaço ao longo do século XX e que por aqui continua: o automóvel. Em muitas regiões do planeta, o crescimento do poder de compra

impulsionou a expansão massificada (ainda que, mais uma vez, não universal) deste veículo, ao mesmo tempo um instrumento funcional e símbolo de um certo estatuto social. Porém, não se misture a condução de um velho carro com 15 ou 20 anos, movido a energia fóssil e reparado numa oficina de bairro e com o recurso a peças recicladas, com o esplendor identitário que significa entrar e deslocar-se num Tesla ou num qualquer outro automóvel de prestígio.

O acesso aos bens de qualidade e às experiências superlativas e do luxo obedecem a regras que não podem ser compreendidas pelos esquemas interpretativos do século XIX. Por vezes, sem nos socorrermos do clássico e populista exemplo dos automóveis de alta cilindrada que são propriedade de cidadãos subsidiados e se encontram estacionados em bairros sociais, esta cartografia da ostentação denuncia percursos obscuros e ascensões rápidas que apenas parecem fazer sentido se considerarmos as opacidades de um sistema global difícil de regular.

Nesta realidade pós-moderna que está para além das tradicionais classes sociais, vai-se criando um “star system” que tem tanto de vazio como de exibicionista. As plataformas e as redes digitais, os “smartphones” e os “reality shows” televisivos são universos performativos a partir dos quais emergem novos ídolos e “influencers” com vidas esplendorosas que servem de referência e orientam comportamentos miméticos.

Deste modo, o controlo do capital está desligado do valor do uso e do trabalho, estando mais próximo de grupos disformes e heterogéneos, que vão dos especuladores do imobiliário, do petróleo e do trigo, aos ídolos do espetáculo, a começar por alguns jogadores de futebol. Este conjunto constituirá uma “neoburguesia” porosa e difusa que em nada se pode confundir com as elites dominantes do século XIX mas que muito beneficiou da expansão global dos mercados e da aceleração dos fluxos materiais e imateriais (Harvey, 2011).

Simultaneamente, nas sociedades ocidentais e numa outra dimensão, cresce o anonimato de uma classe média que vai perdendo poder de compra, redimensionando as respetivas trajetórias de vida e encolhendo as suas territorialidades. A sucessão de momentos e fases de instabilidade como, no caso europeu, a ‘crise do euro’ após 2008 e a ‘crise dos

refugiados’ em 2015/2016, também se repercute na cartografia dos sem-abrigo que se ocultam nos interstícios, sobretudo dos espaços urbanos.

Como nos indica Laurent Davezies (2015), em termos sociais e espaciais, o novo paradigma digital pós-fordista polariza mais o poder económico e político do que a velha economia fordista. Numa analogia direta, o mesmo autor refere que a velha Detroit das indústrias do automóvel dispersava e redistribuía mais riqueza que a Silicon Valley das empresas da internet e da sociedade digital. O crescimento da extrema direita e a eleição de Donald Trump para Presidente dos EUA em 2016, tem aqui uma das explicações.

A toda esta complexidade, acrescenta-se uma bolsa heterogénea de desaparecidos ou de esquecidos. Aos “sem-casa” que se diluem nas nossas cidades, somam-se os afetados pelas dinâmicas de despossessão e os expulsos pelos processos de exploração de diamantes e de terras raras (Sassen, 2014). Considerem-se ainda os desreterritorializados pelas barragens, por parques naturais e por outras áreas ecológicas protegidas (Haesbaert, 2004). Acrescentem-se os deslocados pelas alterações climáticas, pelo avanço das monoculturas agroindustriais ou pelas guerras e conflitos territoriais, assim como os migrantes vulneráveis, que desaparecem no Sahel, nas areias do Sahara ou nas águas do Mediterrâneo.

Invisível e transparente é também a mão-de-obra que sustenta a limpeza noturna de edifícios na “City” de Londres ou no complexo urbano de negócios de “La Défense” (em Paris) e que no horário diurno se esconde, dissipa e dissolve.

Este é um universo sombrio e sem rosto sobre o qual sabemos menos. É sobretudo uma área obscura de anonimato e uma geografia de sujeitos sem-nome e sem-rosto.

Porém, são muitos os ângulos de análise. Após a higienização realizada por imigrantes desqualificados, os edifícios empresariais da alta finança ficam preparados para receber a tribo de colaboradores com fato, gravata, colarinho branco, “smartphones” e “tablets” sofisticados. Estes poderão entrar na empresa de manhã, no entanto, fazem parte de um sistema pouco circunscrito que estende o trabalho para casa e para os cafés, para os jardins, restaurantes ou hotéis, em ciclos intermináveis de

conetividade digital, vinte e quatro sobre vinte e quatro horas, sete dias sobre sete dias por semana (Crary, 2014).

Ainda assim, sem pessimismos desmedidos e acompanhando a evolução estrutural de indicadores como a esperança média de vida ou a população do planeta que frequenta a escola e a universidade, o Mundo parece estar melhor hoje do que no passado. Apesar disso, o sistema global revela novos problemas e apresenta-se mais desigual e polarizado.

Perante esta complexidade, já no final dos anos 70 (do século XX), Jean-François Lyotard (1979) anunciava a insuficiência das grandes metanarrativas do passado, que pouco compreenderiam a porosidade e a geometria variável destas novas realidades. Para este contexto de desigualdades e desacoplamentos, serão necessárias outras teorias sociais e espaciais, diferentes daquelas que retrataram o Mundo ocidental e as sociedades industriais do século XIX.

Referências bibliográficas

- Crary, J. (2014). *24/7*. London and New York: Verso.
- Davezies, L. (2015). *Le nouvel égoïsme territorial. Le grand malaise des nations*. Paris: La République des Idées/Seuil.
- Haesbaert, R. (2004). *O mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Harvey, D. (2011). *O enigma do capital*. Lisboa: Bizâncio.
- Jappe, A. (2019). *A sociedade autofágica. Capitalismo, desmesura e autodestruição*. Lisboa: Antígona.
- Jappe, A. (2022). *Betão. Arma de construção maciça do Capitalismo*. Lisboa: Antígona.
- Lyotard, Jean-François (1979). *La Condition Postmoderne*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Marx, K. (2017). *O Capital*. Lisboa: Edições 70.
- Marx, K. e Engels, F. (2021). *Manifesto do Partido Comunista*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Sassen, S. (2014). *Expulsions. Brutality and complexity in the global economy*. Cambridge, MA (USA): Harvard University Press.